

## GEORGES NIVAT OS ESTUDOS ORIENTAIS

O Professor Georges Nivat é diretor do Departamento de línguas e literaturas mediterrâneas, eslavas e orientais da Universidade de Genève e esteve no Brasil a convite do CEPST (Centro de Estudos sobre os Países Socialistas em Transformação) e do IEA (Instituto de Estudos Avançados) para participar do Seminário Internacional “Revolução de Outubro – 80 anos” que ocorreu de 3 a 5 de novembro/97 na USP, sob a coordenação da Profa. Dra. Lenina Pomeranz, diretora científica do CEPST.

O professor Nivat é especialista em literatura e cultura russas e proferiu também, a convite da Área de Russo e do Departamento de Línguas Orientais, uma palestra sobre o tema “A dissidência e a “*intelligentsia*” na Rússia”.

Ele concedeu, em sua rápida passagem por São Paulo, uma entrevista à Profa. Dra. Arlete Cavaliere, coordenadora do Curso de Russo da FFLCH-USP, que a traduziu do Francês ao Português.

A.C. Como o senhor vê hoje os estudos de línguas orientais na Europa diante das condições políticas, econômicas e sociais desse final de milênio?

*G.N. Mais do que nunca as línguas orientais são necessárias. Elas dizem respeito a um vasto arco continental que vai da Europa ao Pacífico, isto é, o imenso arco eurásico, no centro do qual está a Rússia.*

*O árabe, o russo, o chinês, o japonês são línguas e culturas chaves do futuro do mundo, na medida em que se pode prever que, num futuro próximo, será lá que vai se dar o próximo drama geopolítico, tendo a China como eixo.*

*Além disso, essas culturas do futuro estão também entre as mais antigas da humanidade, como a chinesa, a coreana ou a japonesa. Eu mesmo tive contacto com a cultura japonesa, sem saber o japonês, infelizmente. Publiquei dois livros no Japão e fiquei bastante seduzido pela mistura estranha de modernismo e arcaísmo que há nesse país.*

A.C. Que papel desempenham, ou deveriam desempenhar, os estudiosos da arte e da literatura desses países do oriente, cujo interesse mundial parece hoje recair muito mais nas oscilações de seus mercados de capitais?

**G.N.** *Nenhum intercâmbio econômico profundo pode se dar sem um intercâmbio cultural. Penso que é totalmente falso pensar que o inglês “global”, este dos **traders** e dos pilotos de avião, pode ser suficiente para o bom andamento da economia. Pelo contrário, pode-se constatar que não existe penetração duradoura, importante e significativa sem o conhecimento do espírito característico desses países, o que implica o conhecimento da língua e da sua civilização.*

*Assim, evitaremos a criação de esteriótipos grotescos sobre os quais o Ocidente exerce frequentemente um triste monopólio a respeito desses países longínquos: as formigas laboriosas do Japão, a homogeneidade da China são verdadeiros absurdos.*

*Quanto ao diálogo das culturas, para retomar a bela fórmula de Denis de Rougemont, ele nos é absolutamente necessário para compreendermos a nós mesmos e para podermos escapar à essa falsa globalidade de produtos culturais enlatados, provenientes unicamente dos Estados Unidos.*

A.C. Com relação à Rússia, quais seriam os seus prognósticos para um futuro a médio e longo prazo? Que país está surgindo depois da queda da URSS? Há progressos? Há retrocessos?

**G.N.** *Penso que a Rússia está indo definitivamente rumo ao progresso. Sair do comunismo foi extremamente difícil, já que o comunismo havia destruído todo o antigo regime: não havia mais sociedade civil no sentido ocidental deste termo. A crise não acabou, mas dois fatos se impõem: primeiro a estabilização política e a instauração de uma democracia política, imperfeita, de onde desapareceu o medo e onde o pluralismo plantou raízes. Em segundo lugar, a estabilização econômica, no sentido de que a inflação foi controlada e que o crescimento econômico acaba de ser retomado, mas sobre novas bases econômicas que são as do mercado\*. Os vários votos significativos da Rússia desde que a ditadura comunista acabou confirma-*

*ram, de maneira surpreendente, que a maioria dos russos não quer dar um passo atrás, e, como consequência, tem aceito as privações e desordens sociais graves que resultaram do fim daquilo que eu chamaria de o “welfare” do pobre soviético. As eleições presidenciais foram um referendium contra ou a favor da volta dos comunistas, e confirmaram esse voto. Por outro lado, as eleições parlamentares dispersaram as vozes e mostraram uma maioria de descontentes, mas que, infelizmente, não representa muito bem as queixas das diferentes classes sociais da Rússia.*

A.C. Como se situaria hoje a Rússia em relação ao oriente, já que, como sabemos, sua história tem raízes e vínculos profundos com o mundo oriental?

**G.N.** *A Rússia é uma grande potência asiática. Ela tem uma brilhantíssima escola de orientalistas. Hoje ela mantém com a China uma política de cooperação bastante cínica, uma espécie de prolongamento das alianças do século XIX. Com a Europa, sua cooperação é muito mais profunda porque há numa parte da sociedade russa, um profundo desejo de se tornar europeu em pé de igualdade com a Europa ocidental. Um terceiro sonho geopolítico russo é o de se tornar uma grande potência do Pacífico. Teoricamente, isto não é impossível e o Extremo Oriente russo se transformaria numa espécie de Califórnia siberiana, com a ajuda dos japoneses. Mas isto é ainda apenas uma longínqua música do futuro, e a questão ridícula das ilhas disputadas com o Japão é um obstáculo atualmente a qualquer progresso real. Mas eu não excluo absolutamente que durante o século XXI esse sonho do pacífico da Rússia não se tornará realidade.*

A.C. E com relação ao ocidente? Ainda prevalece a antiga querela “ocidentalistas X eslavófilos”?

**G.N.** *Numa parte ainda pouco modernizada da Rússia de hoje a clivagem Ocidentalistas-Eslavófilos existe e persiste, na medida em que, depois do*

---

\* Esta avaliação se refere à situação da Rússia em fins de 1997, quanto foi feita a entrevista ao Prof. Nivat, antes portanto dos recentes acontecimentos que vêm abalando a economia russa e a mundial. N. da T.

*desaparecimento da ideologia soviética, o nacionalismo serviu para a parte pobre e desamparada da sociedade como uma ideologia de substituição, com uma aliança entre comunistas e nacionalistas de diferentes escolas. Mas a metade ativa, e sobretudo jovem da Rússia, nem mesmo se coloca o problema: está determinado, a Rússia é “ocidentalista”, no sentido de que ela quer entrar no mercado mundial, numa sociedade de abundância, e no livre comércio e circulação das coisas e das pessoas. O problema talvez seja mais: a Rússia vai se tornar mais européia ou mais americana?*

A.C. Que avaliação o senhor faria dos resultados das discussões que ocorreram no Seminário Internacional: “Revolução de Outubro: 80 anos”?

**G.N.** *A conferência de São Paulo nos ajudou a fazer um balanço moral da Revolução de Outubro à luz das transformações atuais, e de ver aquilo que há de cinismo político, de utopia, e também as outras utopias que existiam na Rússia em 1917. Como, por exemplo, a utopia de Tchaianov sobre quem nos falou um de nossos jovens colegas brasileiros, Ricardo Abramovay<sup>1</sup>. Ou ainda, a utopia cristã-socialista, aquela de Pierre Pascal, que foi meu mestre, e sobre o qual falou o professor Carone<sup>2</sup>, evocando a figura de Jacques Sadoul. De fato, existia uma abundância de utopias, de sonho utópico na Rússia durante todo o século XIX e a utopia “cientista” marxista que impôs o seu monopólio era apenas uma das fórmulas do sonho social russo.*

*O enfoque regional dado pelo professor Raleigh<sup>3</sup> foi também muito interessante e redimensionou a questão.*

*O professor Afanássiev<sup>4</sup> tentou indicar todos os caminhos que ainda podiam ser explorados e enfatizou a via cultural, que é um pouco a minha. Ele*

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Economia da FEA-USP e seu tema foi “O cosmopolitismo da utopia camponesa de Alexander Chaianov”. N. da T.

<sup>2</sup> O Professor Edgar Carone do Departamento de História da FFLCH-USP falou sobre “Duas visões sobre a Rússia: André Marty e Jaques Sadoul”. N. da T.

<sup>3</sup> Donald Raleigh, Professor de história russa da Universidade de North Carolina expôs sobre o tema “A Revolução de Outubro na Rússia provinciana”. N. da T.

<sup>4</sup> Iuri Afanássiev, Reitor da Universidade Estatal Russa de Humanidade, apresentou uma exposição sobre “Outubro de 1917 na herança histórico-cultural do século XX”. (N. da T.)

*teve razão em demonstrar que tudo deveria ser repensado depois da queda do dogma soviético e de sua aura em todo o mundo, inclusive no Brasil.*

A.C. O senhor é diretor do Departamento de línguas e literaturas mediterrâneas, eslavas e orientais da Universidade de Genève. Quais são as áreas de estudos de língua e literatura que integram o seu Departamento?

**G.N.** *Nossas áreas são muito variadas e trabalhamos com plena autonomia, mas eu diria que a orientação geral é a orientação da História da Cultura e também a História da Religião, na medida em que os modos de pensamento religioso são marcos importantes de uma civilização. Em minha área de russo, estudamos particularmente a emigração russa enquanto fenômeno cultural e social, assim como a vanguarda cultural soviética, igualmente enquanto fenômeno social e político. Estudei bastante também a dissidência russa dos anos 60 e 70, enquanto fenômeno anunciador, sem o qual não se pode compreender a evolução ulterior da URSS e o desmoronamento da ideologia soviética.*

A.C. Há áreas mais concorridas do que outras no que se refere ao número de estudantes? Quais seriam elas e qual o número médio de alunos?

**G.N.** *Numa ordem estatística podemos classificar nossas áreas da seguinte forma: russo (por volta de 150 alunos), chinês (quase o mesmo), japonês, árabe, grego moderno e armênio. Meus estudantes estudam com frequência autores russos contemporâneos, como Pietsoukh ou Makanin, Petruchevskaia, ou um autor de que gosto muito e que eu fiz conhecer na França: Mark Kharitonov.*

A.C. E o número de docentes? Há um número suficiente de professores para cada área?

**G.N.** *Temos dois titulares de russo, um de chinês, um de japonês, um de árabe e um número razoável de assistentes. O grego moderno e o armênio*

*não possuem titulares. Temos grandes dificuldades em convencer os outros departamentos da Faculdade de Letras à qual nós pertencemos, que cada área é em si um departamento e que seriam necessários seis orçamentos para a biblioteca, seis cotas de pesquisa distintas etc. Além disso, a Universidade de Genève está em crise orçamentária, com reduções anuais na ordem de 3%. É muito.*

A.C. O seu Departamento mantém intercâmbios com outros centros de estudos europeus ou americanos? Há regularmente professores visitantes?

*G.N. Nossos intercâmbios são principalmente pessoais, iniciativas de cada professor. Há intercâmbios com Tokyo, Moscou, Peking. Com os colegas americanos são contactos pessoais (eu mesmo passei um ano em Harvard). Recebo colegas do Leste num acordo com o Instituto Europeu de nossa Universidade, do qual me ocupo também: todo ano dois professores por três ou quatro meses, sobretudo russos e ucranianos. Consegui estabelecer todo um programa de intercâmbio e de convites com a Universidade de Kiev que retomou o velho e prestigioso nome de Academia Mohyla.*

A.C. Quais as principais linhas de pesquisa que o seu Departamento desenvolve em nível de pós-graduação?

*G.N. Neste momento tenho alguns doutorandos que trabalham sobre a emigração russa (a revista *Vozrozhdenie*), sobre o satirista e sociólogo Zinoviev, sobre o filósofo eslavófilo Leontiev. Tenho também um trabalho em desenvolvimento sobre as relações entre a maçonaria de Genève e a maçonaria russa no início do século XVIII.*

*Recentemente foi defendida uma tese sobre Mallarmé na Rússia. Os problemas da recepção de um poeta numa outra cultura tem sido frequentemente objeto de meus seminários de pesquisa.*

A.C. E quanto à sua própria linha pessoal de investigação? Sobre o que o senhor está escrevendo no momento?

**G.N.** Em janeiro próximo vai sair um livro de 300 páginas intitulado “ Um olhar sobre a Rússia do Ano VI” que é uma reflexão muito pessoal, ao mesmo tempo um ensaio histórico e um diário de viagem sobre a Rússia de hoje. Trabalho num livro sobre a história do nacionalismo russo em suas expressões artísticas.

A.C. Apesar de sua rápida passagem pelo Brasil, é possível fazer alguma análise sobre o país a partir dessas suas primeiras impressões?

**G.N.** *A Universidade de São Paulo me impressionou fortemente pelo seu tamanho, por sua arquitetura monumental. A cidade que eu pude ver me surpreendeu pelo funcionamento relativamente regular de seu movimento interno. Apesar de gigantesca a cidade me pareceu possível de ser viver, graças a uma certa heterogeneidade. Eu esperava encontrar muito mais guetos sociais. Minha viagem pela costa de São Paulo até o Rio de Janeiro, com paradas em Ilha Bela e Paraty foi um encantamento e guardo a lembrança da primeira noite num pequeno pátio de um restaurante baiano, se não me engano, o Soteropolitano, como um momento muito agradável da descoberta da pinga, excelente mesmo!*